

UTOPIAS E DISTOPIAS: CONFLITOS PARADIGMÁTICOS

ANA LÚCIA GOMES DA SILVA RABECCHI*

Universidade do Estado do Mato
Grosso – UNEMAT.

A

Resumo

partir da análise de dois romances das literaturas africanas de língua portuguesa, **A gloriosa família**, de Pepetela e **O outro pé da sereia**, de Mia Couto, elabora-se uma reflexão sobre a perspectiva sócio-histórica que atravessa as obras, diante da condição pós-colonial, tendo como recorrência nas suas temáticas as utopias e distopias, as relações de poder entre centro e periferia, numa dinâmica de constante reconfiguração.

Palavras-chave: Perspectiva sócio-histórica; Utopias e distopias; Relações de poder.

(...) a maneira como formulamos ou representamos
o passado molda nossa compreensão do presente.
(SAID, 1995, p.34)

O ponto de partida deste trabalho é uma reflexão sobre a perspectiva sócio-histórica que atravessa duas obras das literaturas de língua portuguesa, **A gloriosa família** – o tempo dos flamengos (1997), de Pepetela e **O outro pé da sereia** (2002), de Mia Couto, mantendo diálogo com teóricos que pensam a identidade nacional, social e cultural, como processo em constante reconfiguração.

O que se nota nas duas obras é que se erigem em relatos que atualizam estratégias distintas, embora coincidam no fato de serem movimentos temporais retrospectivos tomados como eventos metonímicos de uma África em desestruturação política, ética, moral e sociocultural. Portanto, é possível ler esses romances como narrativas em articulação com as transformações da História e das sociedades a que se reportam, cuja memória ultrapassa os limites do passado para expor as suas fraturas do presente.

Profundamente marcada pela História, a literatura dos países africanos traz a dimensão do passado como uma de suas matrizes de significado, pois como afirma Appiah (1997), o passado e os mitos do passado de seu povo não são coisas que eles possam ignorar, pois cresceram em famílias para quem o passado, quando não está presente, ao menos não se encontra muito abaixo da superfície. Neste contexto, as memórias do passado surgem como resultado de um processo de reconstituição e de reinvenção da sociedade africana como veículo de uma reflexão sobre a sua condição presente e projeção futura, sobretudo em espaços políticos emergentes, que vivem de forma por vezes ambígua e tensa a sua pós-colonialidade, segundo Mata (2006), que reflete sobre a condição periférica das literaturas africanas.

Este é o caso das obras aqui relacionadas, em que os autores vão trabalhar com “conteúdos históricos” diferentes, pelas especificidades de seus processos históricos, mas refletem igualmente sobre a identidade nacional, social e cultural como processo em constante reconfiguração. Nessas obras, há lugares num dispositivo textual em que se torna recorrente uma certa distopia perante um novo tipo de neo-colonialismo globalizante. Então, a volta ao passado se dá não como uma recordação nostálgica, mas como uma lembrança irônica e paródica, no sentido de um distanciamento crítico compreensível no entendimento das relações de poder. A interlocução e mesmo a transgressão do texto histórico permite refletir sobre a condição periférica, através da pluralidade de vozes.

Nos espaços políticos emergentes, o texto literário como representação artística do imaginário cultural é uma fonte documental e, como tal, um objeto simbólico muito importante na construção da imagem da sociedade, como diz Mata interpretando Le Goff e Nora que nos ensinam que “a história das mentalidades se alimenta naturalmente dos documentos do imaginário”. O estudo desse objeto simbólico é também um dos veículos para que se chegue à História (LE GOFF; NORA *apud* MATA, 2007, p. 29).

Os romances em questão, ao dialogarem com a história potencializam as vozes dos marginalizados. Em **A gloriosa família**, o escravo mudo e analfabeto é o narrador que a partir de seu ponto de vista revisita os sete anos de invasão holandesa em Luanda, como cão de guarda de seu dono Baltazar Van Dum. Ao contar em detalhes a vida de seu amo, na realidade desvela o processo da escravidão e marginalidade em que está inserido. Em **O outro pé da seria**, Mwadia Malunga, faz uma viagem pela história para entender seu processo identitário, e só consegue encontrar-se quando descobre a verdade preconizada nas palavras de Constança: “Somos todos feitos assim: de duas águas” (COUTO, 2006, p. 376). Nada é aquilo que parece, tudo tem uma dupla face e é na assunção dessa dualidade que se pode “costurar” as diferenças. Mwadia está na fronteira, na margem, entre duas verdades e dois mundos espaço-temporal e historicamente diferentes e cabe a ela, como uma canoa – assim explica o seu nome - fazer a ligação entre eles.

A gloriosa família trabalha com dois tempos, o presente da escrita do escravo, em que se pressupõe o presente angolano e o século XVII, durante a invasão holandesa, fração da história contada pelo cronista

português Antonio de Oliveira Cadornega em sua História Geral da Guerras Angolanas, depois subvertida pelo narrador escravo mudo e analfabeto. Da mesma forma em **O outro pé da sereia**, dois tempos são intercalados, o século XVI, em que o jesuíta D. Gonçalo da Silveira sai de Goa rumo a Moçambique com o propósito de fazer uma incursão católica e implantar a fé cristã na corte do Império do Monomotapa e o presente da personagem Mwadia, século XXI (2002), quando faz a releitura dos escritos do jesuíta, ligando o presente ao passado.

Nos romances, tanto o cronista Cadornega quanto o jesuíta Gonçalo da Silveira são personagens históricas que participam do enredo, legando para a posteridade seus escritos, com os quais o escravo e Mwandia se valem para entender a identidade angolana e moçambicana. Com isso, tanto Pepetela quanto Mia Couto tece uma narrativa de confronto entre dois povos distintos, com modos diferentes de estar no mundo e as tensões próprias da diferença que, continua a ser, também em tempos pós-coloniais “fautora de conflitos e potenciadora de exclusões” como explica Mata (2006).

Para os missionários jesuítas que adentraram a África portuguesa, os africanos tinham práticas diabólicas, sendo “usuários de artes do demônio” e precisavam ser doutrinados. O continente africano para os viajantes com suas ideias pré-concebidas era de um “mundo oculto”, dos infieis. A visão eurocêntrica fazia “tabula rasa” sobre esses povos, perspectiva que se pode notar na carta que Nimi Nsundi escreve a Dia Kumari:

Os portugueses dizem que não temos alma. Temos, eles é que não vêem. O coração dos portugueses está cego. A nossa luz, a luz dos negros, é, para eles, um lugar escuro. Por isso, eles têm medo. Têm medo que a nossa alma seja um vento, e espalhem cores da terra e cheiros do pecado. É essa a razão porque D. Gonçalo da Silveira quer embranquecer a minha alma. Não é a nossa raça que os atrapalha: é a cor da nossa alma que eles não conseguem enxergar (COUTO, 2006, p. 113)

Da mesma forma, o narrador de **A gloriosa família** reclama por esse apagamento histórico: “Não é curiosidade vã, eu tenho o sentido da história e a necessidade de a alimentar, embora os padres e outros europeus digam que não temos nem sabemos o que é história” (PEPETELA, 1997, p. 120).

Essa relação de poder resultante do processo colonizatório produziu uma série de estigmatizações, como a África “sem história”, “inculta” “mundo avaro”, “sem lei”, “cheia de bruteza”, imagens alimentadas pela violência colonial e geradoras de racismo subsistente ainda nas teorias pós-coloniais. Essa visão é considerada por Ella Shohat (1996) ao falar das categorias híbridez, sincretismo, a que Mata (2007) acrescenta: mestiçagem, entrelugar, multiculturalidade, categorias caras às novas perspectivas teóricas que reforçam os lugares de hegemonia já cativos. Como explica Mata, tais tropos, na sua exclusividade, terminam por idealizar o passado, na desconsideração de formas de resistência e de violência que caracterizam esse passado.

É evidente, porém, que esses conceitos não dão mais conta de cobrir as expectativas e as ambiguidades desse processo globalizante, gerador de periferias culturais, pelas práticas cotidianas mutáveis, pois como bem define Inocência Mata:

O que importa hoje estudar são os efeitos das relações de poder, seja entre entidades diferentes externas, sejam entre entidades que participam do mesmo espaço interno. Isto é, a teoria-pós-colonial tem de se deter na dinâmica das relações (de Poder) entre centro e periferia, mesmo se periferias internalizadas (MATA, 2007, p. 40)

Não vamos aqui nos deter neste breve momento em teorias pós-coloniais, embora elas façam parte das nossas preocupações, mas, através destas obras, desvelar as vozes em dissenso com que Pepetela e Mia Couto transpiram em seus livros, vigilantes às mudanças do presente, como bons intérpretes daqueles espaços, lendo-os pelas rasuras de suas histórias específicas. As obras projetam luz sobre as contradições sociais desveladas pelas fendas dos discursos historiográficos e dessacralizam as vozes hegemônicas da historiografia angolana e moçambicana, através da posição do narrador escravo e da personagem Mwadia que transgridem esses discursos ao falarem do centro a partir da margem.

A posição do escravo como narrador em *A gloriosa família* é a estratégia mais interessante do romance, porque o narrador participa da história que conta como um observador dos fatos, sem uma participação efetiva nela, pois sua condição de escravo faz com que ocupe uma posição à margem dos acontecimentos, o que não lhe veda o senso crítico extremamente apurado sobre os fatos que conta. Assim, o romance apreende as fraturas latentes nas situações históricas através de uma estratégia narrativa em que a marginalidade é indício de especificidade histórica.

A escolha do ponto de vista e do tipo de narrador é orientada para o discurso de profusão crítica, franqueando o discurso à permeabilidade própria da ironia. Sendo estruturante na obra, a ironia aparece desde o início, a começar pelo título que sugere o desdobramento da família Van Dum para o futuro. Pela sua formação mestiça, a família pode ser tomada como protótipo da formação social angolana, simbolizada numa trama que explora uma dimensão temporal móvel, as relações múltiplas e complexas entre várias temporalidades que articulam passado, presente e futuro. Com isso, a narrativa faz uma paródia da história oficial angolana, relendo-a a contrapelo, para se usar a metáfora benjaminiana (Benjamin, 1987).

A imaginação e a efabulação são acionadas na narrativa como possibilidades interrogadoras de uma verdade posta pelos documentos produzidos por historiadores, cronistas e discursos diversos sobre o passado angolano. Nesse sentido, a escolha do ponto de vista é fundamental para a economia geral do romance, por apresentar aquele segmento da sociedade que foi deixado fora da história. Assim, o discurso autoritário é solapado pela invenção, pela liberdade e pela transgressão, pois o escravo se alimenta dos discursos alheios e quando não ouve, reproduz com a imaginação, seu único legado à liberdade

Tudo o que posso vir a saber do ocorrido dentro do gabinete será graças à imaginação. Sobre esse caso e sobre muitos outros. Um escravo não tem direitos, não tem nenhuma liberdade. Apenas uma coisa lhe não podem amarrar: a imaginação. Sirvo-me sempre dela para completar relatos que me são sonegados, tapando os vazios (PEPETELA, 1997, p. 14)

A imprevisível adequação entre o escravo narrador e seus múltiplos saberes faz parte da estratégia da ironia que permeia a narrativa, visto que a figura do narrador passa a ser a de quem se interessa pelo outro e nunca por si mesmo, organizando a vida em função de seu dono. Como nenhum discurso é inocente, ao falar do outro, acaba por falar de si próprio, ou seja, do silenciado, do marginalizado, do colonizado. Preencher os vazios com a imaginação e liberdade, é também um ato de resistência à condição a que foi condenado. Contar tudo o que “viu, ouviu e imaginou” é, também, uma desforra contra a indiferença de seu dono para com ele, daí sua satisfação em rebaixar e vexar a personagem Van Dum e todos os seus atos, o que para esse narrador constitui uma superioridade ou inferioridade, dependendo de onde se percebe.

Em **O outro pé da sereia** a personagem Mwadia Malunga é o elo responsável entre os vários níveis temporais e espaciais. Como um ser de trânsito, de movimento entre terra e água, entre presente e passado, hesitando entre falar em português e em sinyyngué, a personagem exerce uma mediação entre diferentes discursos. É Mwadia quem faculto o acesso aos documentos escritos, ao registro oficial da história e ao conhecimento do passado, apropriando, assim, do mundo do colonizador.

Mwadia, essa que tinha o corpo de rio e nome de canoa (em si-nhingué)

prosseguiu por atalhos virgens, as pegadas sendo engolidas pela mobilidade das areias soltas. Era isso que ela requeria da caminhada: fazer com que o passado emudecesse, sem eco nem rasto. Apagar as horas e os dias, apagar as cicatrizes do passado (COUTO 2006, p. 80)

Nesse trânsito do presente ao passado e deste ao presente, a personagem enterra seus mortos, inclusive a Virgem “- Você já foi Santa. Agora, é sereia. Agora é nzuzu” (COUTO, 2006, p. 379). Assim, esclarece suas dúvidas e recupera o sentido de sua vida, escamoteada por longos anos de guerra e sofrimento. Pelo viés dessa viagem simbólica, trajeto interiorizado pela personagem na ligação entre o século XVI e XXI, é que a narrativa se torna legível do ponto de vista da história e da fabulação e o romance ganha completude.

O enredo do romance é tecido por relações de poder que permeiam todo o processo de colonização da África pelos portugueses, dialogando anacronicamente com o tempo presente em que as conseqüências desse processo se fazem ainda presentes e atuantes. As várias culturas em jogo no romance apontam para uma hibridação que longe de ser harmoniosa se constitui como espaço de tensão, de estereotipia, de folclorização, como é o caso da personagem jesuíta Gonçalo da Silveira.

Essa personagem histórica deixa documentado os a expedição cristã ao reino do Monomotapa, levando consigo a imagem da santa, objeto do culto cristão, transfigurada no encontro com o africano em entidade das águas, figura mítica das crenças africanas- kianda. O título da obra remete justamente a esse significante movedição sempre deslocado entre o culto cristão – Nossa Senhora, e o culto africano – sereia (kianda). Segundo Fonseca e Cury “A viagem histórica ao reino do Monomotapa igualmente promove, com esse signo “sereia” viagens de outras naturezas: de dominação, de inversão de posições, de busca identitária, de volta do recalcado”(FONSECA; CURY, 2008, p. 38).

A partir do confronto com o outro, as idealizações e convicções das personagens são abaladas. É o que acontece com o jesuíta Gonçalo da Silveira, segundo a narrativa, anteviu o longo desfile de monstros que iria encontrar em África. Havia um imenso catálogo de criaturas diabólicas. Nenhum desses seres prodigiosos ele encontrara em meses de andança pelos sertões africanos. As mais maléficas criaturas com quem cruzava eram-lhe bem familiares e tinham, como ele, embarcado nas naus portuguesas (Couto, 2006).

Da mesma forma a personagem Benjamin Southman, ao cruzar da América à África espera ali encontrar o continente idealizado e sua identidade numa história por si mesmo construída “ antecipava estar visitando o lugar do sossego e dos vagares. Enganara-se. Não era senão o primeiro de uma longa série de equívocos” (COUTO, 2006, p. 164). Equívocos muitas vezes satisfeitos pela própria imposição de ver aquilo que se deseja ver. Exotismos às vezes satisfeitos pelos africanos que vêm em tal encenação um meio de subsistência. O historiador americano busca a sua identidade nas raízes africanas, mas sua busca torna-se falaciosa a partir do momento em que a alteridade idealizada se revela outra.

Como reflete Mia Couto (2005), é preciso desmistificar a ideia de que a África tem uma identidade completamente exótica, e que a moçambicana é algo que ninguém sabe definir, mas se sabe que todos nós temos que fazer uma viagem para chegar lá, diríamos, como seus personagens empreendem. Ainda citando o autor, a memória é realmente uma construção que vive e convive com o seu próprio retrospecto. No caso de Moçambique, a viagem está no propósito de construir uma identidade, está na reinvenção da cultura. E Moçambique se encontra exatamente nessa situação de viagem Essa viagem, esse trânsito entre culturas, espaços e tempos encontram-se no horizonte da obra do angolano Pepetela e do moçambicano Mia Couto como forma de conversar com seus fantasmas coletivos, pois como afirma Bhabha : “encontramo-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão” (BHABHA, 1998, p. 19). Reconstituir o discurso da diferença cultural com o intuito de entender suas rasuras “demanda uma revisão radical da temporalidade social na qual histórias emergentes possam ser escritas” (BHABHA, 1998, p. 24).

Em *A gloriosa família*, o passado está assentado num devir em que a desconfiança e o estranhamento não são suficientes para apagar do

horizonte pepeteliano a utopia. Não mais aquela que moveu a sua juventude no afã das lutas de libertação nacional, no sonho da construção de um país livre que restituísse aos angolanos o governo de seus destinos, mas aquela outra, a heterotopia, que, segundo Boaventura Cardoso, “resulta não da invenção de outro lugar, mas da deslocação radical dentro de um mesmo lugar, o nosso” (CARDOSO, 2003, p. 325). O passado assim visto é matriz de indagação do presente, é exercício de prospecção do futuro, enfim, o resgate de alguns referentes que se podem integrar aos tempos que se seguem.

Com isso, Pepetela dá voz aos angolanos, expõe seus sonhos e suas decepções, dando vida a mundos desaparecidos e a outros latentes na Angola contemporânea e Mía Couto revitaliza a memória coletiva moçambicana sem perder do horizonte a Moçambique tece entre santas e kiandas, como indica o próprio título do romance “o outro pé da sereia”, metáfora com que reescreve as novas utopias.

Ao dar corpo e voz às memórias coletivas, silenciadas pelas relações de poder, a narrativa de Pepetela e Mía Couto assume um lugar de contradição e de crise dos discursos, propondo outras lógicas num mundo de divisões e intolerância. Apesar do desgaste das utopias que tem governado o imaginário humano no contexto nacional e transnacional, há um sentimento de anseio e esperança nesses autores, calcado numa relação de respeito à tradição e ao outro quando tratam de ficcionalizar as práticas da vida cotidiana. É dessa forma que eles tentam apreender o mundo que pulverizou os lugares de pertença, privilegiando as noções de “alteridade”, de “diferença”, de “ética”, nas relações humanas, práticas que os tornam sensíveis na arte de ler esteticamente a vida.

ABSTRACT

From the analysis of two novels of African literature in Portuguese language: *A gloriosa família* by Pepetela and *O outro pé da sereia* by Mía Couto, we undertake a reflection on the socio-historical perspective that runs through the works, in the post-colonial condition, having as their recurrent themes the utopias and dystopias, the power relations between center and periphery, in a constant dynamic reconfiguration.

Key words: Socio-historical perspective; Utopias and dystopias, Power relations, center and periphery.

REFERÊNCIAS

- APPIAH, K. Anthony. *Na casa de meu pai: A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de História. In: *Walter Benjamin -*

Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. 3. ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 222 - 232.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

COUTO, Mia. **O outro pé da sereia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FONSECA, Maria Nazareth Soares e CURY, Maria Zilda Ferreira. **Mia Couto: espaços ficcionais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: História, Teoria, Ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: Novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

MATA, Inocência. **A Literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões**. Luanda: Editorial Nzila, 2007.

MATA, Inocência. **Laços de memória & outros ensaios sobre literatura Angolana**. Luanda: "Práxis" - União dos escritores angolanos, 2006.

MAQUÊA, Vera Lúcia da Rocha. Entrevista com Mia Couto. São Paulo: **Revista Via Atlântica**. FFLCH/USP, n. 8, 2005. p. 205 a 217.

PEPETELA. **A gloriosa família** – o tempo dos flamengos. 2 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

RABECCHI, Ana Lúcia Gomes da Silva. **O fio da travessia: A perspectiva histórica em Os tambores de São Luís, de Josué Montello e A gloriosa família - o tempo dos flamengos, de Pepetela**. 2009. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade**. 9 ed. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

SHOHAT, Ella "Notes on the 'Post-Colonial'". In: MONGIA, Padmini (Ed.). **Contemporary postcolonial theory – a reader**, New York: Arnold, 1996.